



Brazil Institute | Julho 2020

WEBINAR | Volta às Aulas em uma Era de Distanciamento Social

No dia 8 de julho, o Brazil Institute e a Fundação Lemann, com o apoio da AWS Institute, organizaram uma discussão sobre o futuro da educação no Brasil em um mundo com Covid-19, e sobre como educadores e formuladores de políticas públicas podem utilizar tecnologias para que alunos e professores possam retornar para uma sala de aula digitalizada. Para assistir ao webinar, *clique aqui*.

Daniel De Bonis, Diretor de Políticas Educacionais da Fundação Lemann, abriu o evento em conjunto com o **Ricardo Zúñiga, Diretor Interino do Brazil Institute**.

De Bonis mencionou um estudo realizado pelo Research on Improving Systems of Education (Rise) e o paralelo que pode se traçado para o Brasil, durante esse período em que aulas foram suspensas no país e ao redor do mundo devido à pandemia do Covid-19. Os pesquisadores do Rise examinaram como a suspensão de aulas, causadas por um terremoto, em 2005, afetou a educação de alunos no Paquistão. O estudo concluiu que a suspensão de quatro meses – o período em que os alunos ficaram sem ir à escola – equivaleu a uma perda de um ano e meio de escolaridade,



quando comparado com alunos com condições socioeconômicas similares que não foram afetados pelo terremoto. No entanto, esse impacto não foi distribuído uniformemente entre os alunos: crianças cujas mães tinham um nível maior de escolaridade sofreram perdas menores de aprendizado, ampliando as desigualdades socioeconômicas entre os estudantes. De Bonis enfatizou a importância de aprender com esse exemplo e evitar que o mesmo ocorra no Brasil, através da implementação de medidas para mitigar o impacto das suspensões das aulas que tendem a ampliar desigualdades já existentes.

Em seguida, De Bonis ressaltou os resultados de uma [pesquisa](#) da Fundação Lemann, em parceria com o Itaú Social e o Imaginable Futures, aplicada pelo Datafolha em maio de 2020, sobre como famílias têm lidado com o ensino virtual em tempos de isolamento social. A pesquisa constatou que 74 por cento dos alunos no Brasil estão participando de alguma forma de ensino à distância – por meio de aplicativos e plataformas online, mas também por meio de vídeo-aulas na TV aberta, materiais impressos, entre outros.

Porém, de acordo com o estudo, o número de alunos que estão participando do ensino remoto varia muito entre as regiões do país: 94 por cento dos alunos estão participando no sul do Brasil, mas esse número é só de 52 por cento na região Norte. A participação também varia dependendo da idade dos alunos, sendo que 86 por cento dos alunos do Ensino Médio estão participando de alguma atividade de aprendizagem remota, mas só 70 por cento de alunos mais novos participam dessas atividades. Entre alunos que estão participando, 84 por cento estudam pelo menos uma hora por dia. Desses, 61 por cento de alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio estudam pelo menos duas horas por dia. A evasão escolar também é uma grande preocupação para a aprendizagem remota. De Bonis ressaltou a necessidade de encontrar maneiras de transmitir para os alunos e suas famílias a importância de retomar o processo de aprendizagem, mesmo se os alunos não retornem para as salas de aula físicas.

Lúcia Dellagnelo, Diretora e Presidente do Centro de Inovação para a Educação Brasileira, abriu a discussão mencionando como os estados e municípios brasileiros responderam à pandemia do Covid-19, elaborando, estruturando e implementando a aprendizagem remota de maneira muito rápida. Municípios também adotaram o ensino colaborativo e compartilhamento de informações. Entretanto, ela enfatizou o desafio de desigualdades já existentes, fazendo eco aos comentários do De Bonis. Ela notou que essa desigualdade tem duas dimensões: 1) acesso desigual entre alunos e professores em termos de equipamento e conectividade; 2) a capacidade técnica das secretarias de educação dos estados de elaborar, estruturar e implementar estratégias de aprendizagem remota. Dellagnelo mencionou que algumas secretarias de educação em cidades de baixa renda tinham menos experiência com o uso de tecnologia para o ensino à distância e, conseqüentemente, não puderam aproveitar todo o potencial tecnológico durante essa pandemia.

Ela também fez uma série de perguntas para os palestrantes durante o evento, que continuam sendo relevantes para formuladores de políticas públicas, tais como: Quais são as principais características das respostas das redes de ensino à pandemia? Como vocês

imaginam essa volta às aulas? O que devemos descartar – o que não está funcionando – e quais mudanças nós devemos manter e aplicar em larga escala? Como podemos preparar os professores para o ensino à distância e compensar o fato de que alguns professores terão mais experiência, conhecimento técnico e acesso à tecnologia que outros? Quais plataformas funcionam mais no Brasil? Em que situações a alta tecnologia é a solução e quando processos de baixa tecnologia são mais eficientes?

Patricia Ellen da Silva, Secretária de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, discutiu as experiências e iniciativas do estado em resposta à pandemia do Covid-19. Ela também enalteceu a performance do Plano São Paulo – estratégia de reabertura do estado elaborada e atualizada por especialistas da área de saúde e de políticas públicas.

Em relação à educação, Da Silva destacou que a volta dos alunos às escolas é algo complexo, dado que as crianças são normalmente assintomáticas, mas podem contribuir para a transmissão do vírus. Da Silva também notou que a data para a retomada das aulas será escolhida de acordo com a situação de cada região do estado de São Paulo, devido ao grande tamanho do estado e às diversidades regionais. Um dos grandes desafios será como determinar quem ainda precisa ficar no isolamento e como assegurar o distanciamento social e as condições sanitárias dentro do ambiente escolar.

Da Silva também argumentou que a pandemia vem mostrando a importância do investimento em educação, fundamental para o desenvolvimento econômico de um país. Nas universidades, é provável que o impacto da pandemia seja mais duradouro; por exemplo, o aumento no número de estudantes que farão aulas à distância no Centro Paulo Souza, o maior centro responsável por ensino técnico da América Latina. Da Silva também destacou o sucesso reconhecido pelas Nações Unidas da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) com a aprendizagem remota e que investimentos em tecnologias de aprendizagem remota de larga escala vão permanecer depois da pandemia.

Do mesmo modo, a crise tem enfatizado a necessidade de investimentos em ciência e tecnologia. Da Silva mencionou a parceria entre universidades brasileiras e grupos internacionais para a produção de uma vacina contra o Covid-19 como exemplo.

Da Silva finalizou sua exposição enfatizando que instituições de ensino têm que descobrir como garantir um retorno seguro ao ensino presencial e enfrentar desigualdades, tanto na aprendizagem remota quanto no ensino presencial.

Rafael Lucchesi, Diretor de Educação e Tecnologia da CNI, Diretor-Geral do SENAI/DN e Diretor Superintendente do SESI/DN, citou algumas das desigualdades e dos problemas de longo prazo do Brasil, como uma queda na renda per capita nos últimos anos. Lucchesi notou que a transição para o ensino remoto criou lacunas pedagógicas e que um

grande esforço será necessário para nivelar desigualdades educacionais. Ele argumentou que instituições têm que abordar esse ano escolar de maneira diferente para evitar que se agrave o prejuízo causado pela pandemia.

Lucchesi argumentou que mais foco precisa ser colocado na capacitação de docentes com respeito ao uso de tecnologia avançada e na quantidade de suporte oferecido à educadores. Outro desafio chave será conter a evasão escolar através de diálogos com famílias e alunos para comunicar a importância da educação.

No longo prazo, Lucchesi vê o investimento na educação como uma parte crítica da solução para os problemas de baixa produtividade no Brasil. Melhorar a conectividade também é necessário para aumentar a produtividade. Citando os gastos anuais do sistema educacional brasileiro, Lucchesi afirmou que, em comparação, o investimento para melhorar a conectividade (e.g. criar canais de dados exclusivos para a educação) seria pequeno.

Embora o Brasil esteja atrasado na implementação de tecnologia em políticas educacionais, a pandemia oferece ao país uma oportunidade para revisar seu sistema educacional. O país precisa de uma iniciativa coordenada para avaliar quais tecnologias estão funcionando e onde, como por exemplo as escolas radiofônicas no Nordeste. Lucchesi concluiu sua fala notando que o Brasil já possui um conhecimento do que é necessário para ter um sistema educacional desenvolvido e que esse conhecimento pode ser utilizado durante e após a crise do Covid-19 para melhorar a educação no país como um todo.

Ricardo Schneider, Chief Scientific Officer da Somos Educação, disse que, no início da pandemia, Somos Educação rapidamente expandiu sua plataforma para cobrir as funções da modalidade presencial para que escolas pudessem operar em um nível próximo à realidade presencial. 300.000 alunos e 30.000 professores estavam usando Plurall, uma de suas plataformas, antes da pandemia. Esse número cresceu para 1 milhão de alunos e 300.000 educadores com a crise- e o nível de uso da plataforma também aumentou, com a expansão do Plurall para servir como a base primária para as escolas.

Para Schneider, o engajamento elevado de professores e alunos com as plataformas da Somos Educação criará um legado de professores digitalmente engajados. Vários educadores estão adotando a tecnologia com uma “tremenda coragem, paciência e resiliência,” mas outros estão se sentindo sobrecarregados com a transição para salas de aula virtuais. Como Lucchesi, Schneider também notou a importância de oferecer apoio à docentes durante esse momento para que se sintam empoderados a adotar um papel ativo no processo de aprendizagem virtual.

Por outro lado, alunos têm um nível maior de familiaridade com a tecnologia. Porém, dado que a experiência escolar inteira foi colocada dentro da casa do estudante, Schneider argumentou que legisladores e educadores precisam examinar as assimetrias educacionais que estão surgindo devido à existência de diferentes ambientes domésticos e níveis de apoio dos pais. Ele apontou que nem todas as intervenções precisam envolver tecnologia

avançada ou complexa e citou um estudo que mostra que um cochilo de meia hora pode melhorar os resultados de aprendizagem.

Schneider também destacou como Somos Educação está usando a ciência de aprendizagem para melhorar o engajamento de alunos com materiais educacionais presenciais e virtuais. Ele argumentou que a educação no Brasil ainda não se aproveitou de uma maneira profunda do conhecimento científico e que o país tem muito a ganhar com esse aproveitamento. Sua organização disponibilizará os resultados de seus projetos para redes públicas para ajudar a combater as desigualdades que foram ampliadas pela pandemia.

João Leal, CEO e Co-Fundador da Árvore Educação, discutiu a importância de tornar livros acessíveis a todas as crianças, independente de onde elas moram. A Árvore Educação percebeu as consequências da falta de acesso dos alunos a livros e do analfabetismo e está trabalhando para mudar isso. A organização concedeu acesso à literatura on-line e off-line para garantir diferentes formas de acesso para alunos de redes públicas e particulares. Leal notou que a conectividade e aparelhos eletrônicos variam no Brasil: existem salas de aula sem conexões à internet e alunos que acessam a internet apenas através de celulares antigos. Ele afirmou que plataformas como Árvore Educação precisam ser acessíveis para alunos com vários níveis diferentes de conectividade. Ele também enfatizou o ponto que o Brasil não pode esperar para as coisas voltarem ao “normal,” ou para o nível de operações pré-Covid-19, para fazer mudanças.

Leal apontou que o Brasil está passando por uma adoção de tecnologia na rede pública de educação extremamente rápida. Portanto, essa mudança rápida também requer que as ed-techs ajustem suas operações e trabalhem junto com a rede pública para providenciar formação e assessoria pedagógica sobre o uso de seus produtos. Árvore Educação, por exemplo, concedeu acesso gratuito à sua plataforma para usuários com o intuito de minimizar o impacto educacional da pandemia. Ele também notou que sua organização tem recebido mais atenção e doações monetárias para apoiar a missão da Árvore Educação durante essa crise.

Leal comentou que o COVID-19 trouxe à tona muitos problemas estruturais de longo prazo no Brasil, desde a infraestrutura, passando por condições de trabalho, até a conectividade. Educadores e alunos enfrentam grandes obstáculos diariamente e legisladores e companhias tecnológicas precisam considerar esses desafios.

Não existe uma “bala de prata” para consertar todos os problemas do país, mas a adaptabilidade incrível do sistema educacional é um fator encorajador. Como os outros participantes do painel, Leal alegou que esse momento representa uma oportunidade para fazer uma mudança de longo prazo no Brasil e que “a tecnologia chegou para ficar de vez.” O setor público é onde as ed-techs, como Árvore Educação, podem fazer o maior impacto positivo. O desafio para essas organizações é garantir que todos os alunos e educadores tenham o nível de acesso e apoio que precisam para usar as tecnologias com sucesso.

Vários Temas Críticos Foram Levantados Durante o Debate.

Todos os participantes do painel apontaram que educadores são chaves para o sucesso da aprendizagem remota. O acesso do educador à tecnologia e seu conhecimento de como a tecnologia pode ser utilizada, tanto como a estrutura de suas aulas pode ser adaptada, afetam o sucesso da aprendizagem remota durante essa pandemia. Docentes estão aprendendo através de tentativa e erro e estão melhorando ao longo do tempo. Legisladores e ed-techs podem ajudar educadores com programas de capacitação e apoio a usarem a tecnologia de forma efetiva e a se sentirem confortáveis usando plataformas virtuais.

Vários participantes do painel ressaltaram a importância de investir na ciência e educação para o futuro do Brasil e também a necessidade de usar a ciência da aprendizagem para melhorar a própria pedagogia. A tecnologia é uma parte essencial da educação durante e após a pandemia, mas ela precisa ser implementada de forma efetiva. Dellagnelo mencionou que, em sua opinião, uma fonte de esperança surgindo da crise do Covid-19 é que alunos hoje fazem parte de uma geração que acredita na ciência.

Os participantes do painel voltaram repetidamente ao tema da desigualdade. Questões sobre quem tem acesso à tecnologia e à aprendizagem remota são complexas e, como Lucchesi notou, o Brasil é um país grande com vários tipos diferentes de escolas. Uma solução padronizada não funcionará no Brasil. Contudo, as iniciativas e ideias levantadas pelos participantes são prometedoras, desde a combinação de soluções de baixo e alto nível tecnológico, até a criação de políticas e produtos que podem ser acessados por alunos com diferentes níveis de conectividade – através de celulares, ou até mesmo por meios off-line.

Por fim, educadores e legisladores brasileiros terão que adotar uma postura organizada à educação durante a crise do Covid-19 que não só aprende a partir de crises passadas, mas também constantemente avalia e ajusta sua estratégia de uma forma dinâmica. Os participantes concordaram que a pandemia do Covid-19 tem criado uma oportunidade única para o Brasil revisitar o debate sobre o futuro da educação e fazer mudanças para melhorar a educação no país como um todo – uma oportunidade que não pode ser perdida.

Para assistir ao webinar, clique no link aqui.



One Woodrow Wilson Plaza
1300 Pennsylvania Avenue, N.W.
Washington, DC 20004-3027

 www.wilsoncenter.org/program/brazil-institute

 brazil@wilsoncenter.org

 facebook.com/brazilinstitute

 [@brazilinst](https://twitter.com/brazilinst)

 202.691.4147